

O ROSTO

Ana Cristina Fernandes Morais Cavalcanti

Uma aranha tecia imóvel no canto da janela. Como ninguém se lembrasse de olhar para cima, resistia protegida por séculos de neutra imobilidade.

Na parede, regulamentos afixados, o papel envelhecido e empoeirado.

De tudo que fazia o que mais gostava era arrumar o arquivo dos falecidos. Chegava mais cedo, colocava as fichas fora de ordem só para depois olhá-las uma por uma até que tudo ficasse como antes. Era uma pena que os retratos fôssem tão pequenos, tinha que olhá-los longamente, saboreando cada detalhe. Cabelos, o formato da boca, nariz, olhos. Alguns sorriam, outros não. Havia também expressões neutras, não fosse o negro e o cinza da fotografia seria apenas um papel em branco. Mas não se importava.

As vezes se perguntava por que as fichas não eram guardadas num local mais importante. Os mortos depois de sepultados desapareciam para sempre, mas as fotografias permaneceriam, estavam vivos. Mas quem se importava com um simples retrato?

Havia uma ficha que incomodava bastante. Uma mulher cuja data de nascimento era igual à sua. Passou a se demorar mais sobre o retrato e decorou todos os dados que constavam na ficha. Nome dos pais, endereço, o número de todos os documentos, não havia nada ali que não estivesse em sua cabeça. Quando

deu por si, viu-se guardando a ficha em sua gaveta. Escondeu-a debaixo de outros papéis de modo que ninguém pudesse ver.

Olhava a ficha de vez em quando e deixou de desarrumar o arquivo. Mas o retrato estava ali tão perto que a primeira coisa que passou a fazer quando chegava era abrir a gaveta e olhá-lo. A princípio não passava de um rosto como qualquer outro do arquivo. Depois, reparando melhor, os cabelos tinham algo de romântico, tipo anos vinte, a franja sobre a testa, nariz arrebitado e um meio sorriso nos lábios escuros.

A televisão ligada, novela das seis, das sete, das oito, das nove, noticiários, o mundo nunca mudava, as imagens se sucedendo na tela, os rostos todos iguais, propagandas, assistia e não via nada, as horas se sucedendo infinitamente na sala vazia. O rosto, os traços, não se cansava de retê-los. Não o buscava como quem se apegava a uma lembrança boa ou a um momento qualquer passado. O rosto era vivo e se aglomerava em seu pensamento num todo que em sua insistência, repartia-se, cada parte sobrepondo às outras, depois o rosto inteiro novamente.

Ao acordar de manhã, se olhou no espelho e detestou o que viu. E quando chegou ao trabalho, ninguém notou que estava diferente, ninguém disse nada sobre seus cabelos, nem do olhar que brilhava.

Apanhou a ficha e olhou o retrato.

Quando saiu à tarde, não foi para casa ver televisão. Apanhou um táxi e foi ao endereço que já sabia de cor. Era uma casa grande, branca, com escadas de mármore e duas colunas na varanda. Rua Outono, número sete. Karla Von Castro, estudante de música, filha de Erick Von Castro e Maria da Silva Castro, nascida no dia dois de novembro de mil novecentos e quarenta e cinco.

Foi a pé para casa. Entrou numa casa de cine-foto e tirou retrato. Doze fotos três por quatro. Esperou que ficassem prontas e voltou para o trabalho, não havia mais ninguém, só o vigia. Inventou uma desculpa, esquecera as chaves de casa. Abriu a

gaveta, retirou a ficha e colocou sobre a mesa. Espalhou suas fotografias ao redor e comparou. Surpreendeu-se com a semelhança, era como se visse seu rosto pela primeira vez. Eram tão parecidas que não sabia qual foto era a sua, qual a da ficha, a sua a da ficha, a sua, a ficha, sua ficha, sua ficha...

Em casa não ligou a televisão. Espalhou os retratos pela casa, colou-os nas portas, paredes e no espelho do banheiro.

Comprou uma flauta com o dinheiro que tinha. Em casa não ligou a televisão. Colocou a flauta sobre a mesa, sentou-se e ficou olhando o metal brilhante, a forma delicada, podia ouvir a música doce. Viu-se tocando, as notas subindo pelo ar feito bolhas de sabão. Caminhava, caminhava, era livre, havia sol, vento na pele, praias, descobriu que era linda, ninguém sabia, ninguém via, mas não importava, agora sabia. O metal brilhante em suas mãos, acariciou os braços, pescoço, ouvia música. Saiu dançando pela rua, rodopiando, os olhos brilhantes, o sorriso que nunca sorrira, o mundo era leve. A lua cheia rodava no céu e em seus olhos, era só a lua boiando em seus olhos que lentamente se apagavam.

No trabalho só deram por sua falta um mês depois e todos comentaram que isso era abandono de emprego, não receberia nada depois.

O corpo foi encontrado na praça, os pulsos, braços e pescoço cortados. Levaram para o pronto-socorro, no bolso uma nota fiscal com nome e endereço. Identificaram o rosto, Karla Von Castro, Rua Outono, número sete. Foram ao local avisar. Era um lote vago.

No arquivo duas fichas incomodavam bastante: duas mulheres, retratos iguais, nomes iguais, cujas datas de nascimento coincidiam com a sua.

Dois de Novembro.